

CONTAS PÚBLICAS

Papéis indexados à moeda norte-americana fecharão o ano representando 22% do total do endividamento mobiliário. Tesouro realiza hoje primeiro leilão de títulos prefixados com vencimento em janeiro de 2008

Dívida em dólar cai 40%

DANIELE CAMBA
ESPECIAL PARA O CORREIO

O governo vai encerrar este ano cumprindo o objetivo de reduzir a parte da dívida pública mobiliária que é indexada ao dólar, e na ponta contrária aumentando os títulos prefixados e os corrigidos por índices de inflação como IGP-M e IPCA. “O Banco Central anunciou em maio e começou em junho a estratégia de diminuir a parcela da dívida cambial. Quando começamos, não imaginávamos que faríamos isso de forma tão acelerada como aconteceu”, disse o chefe de departamento de operações com o mercado aberto do Banco Central, Sérgio Goldenstein.

Segundo ele, os papéis indexados ao dólar, incluindo os *swaps* cambiais (troca de uma taxa de retorno em reais por uma na moeda americana), vão fechar o ano representando 22% do total da dívida pública mobiliária. Em dezembro do ano passado, os títulos cambiais eram 37% da divi-

da, uma redução de 40%.

Quanto menor a quantidade de títulos cambiais, menor é a exposição da dívida à variação da moeda americana. O governo reduziu os papéis cambiais de duas formas: emitindo cada vez menos títulos com esse perfil e intensificando os resgates dos papéis em circulação. Este ano, segundo Goldenstein, o Tesouro resgatou US\$ 19,091 bilhões entre títulos e *swaps* cambiais, contra US\$ 17,7 bilhões em 2002.

Na ponta contrária, a estratégia bem sucedida do Tesouro também se revela no aumento gradual dos títulos prefixados. Em novembro, esses papéis chegaram a 11,27% do total da dívida mobiliária, o maior percentual deste ano. Para o governo, vale a pena vender papéis com taxas de retorno previamente definidas, pois aumenta a previsibilidade dos desembolsos.

Do total de R\$ 20,2 bilhões de títulos emitidos no mês passado, 54,8% (R\$ 11,1 bilhões) eram papéis prefixados, o

maior percentual no ano. O aumento foi gradativo. Segundo o coordenador-geral de administração da dívida pública do Tesouro, Paulo Valle, em janeiro, não houve emissão de títulos prefixados, em abril esses papéis corresponderam a 21,8% do total das emissões e em julho 33,3%. “Temos agora a melhor composição da dívida no ano”, disse Valle.

Confiança

É importante ressaltar, no entanto, que o governo só conseguiu melhorar o perfil da dívida porque o mercado passou a confiar na gestão Lula e nos indicadores econômicos. Muito diferente do ano passado, quando, por medo das eleições, os bancos e investidores institucionais



SÉRGIO GOLDENSTEIN (E), DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES DO BC: DIMINUIÇÃO ACELERADA DA DÍVIDA CAMBIAL

“
TEMOS AGORA
A MELHOR
COMPOSIÇÃO
DA DÍVIDA
PÚBLICA
NO ANO
”

Paulo Valle,
coordenador-geral de
administração da dívida
pública do Tesouro

aceitavam comprar apenas papéis indexados ao dólar.

O governo também conseguiu reduzir a parcela da dívida pós-fixada. Esses papéis caíram de 51,08% do total da dívida mobiliária em outubro, para 50,19% no mês passado. Já os títulos indexados aos índices de inflação ficaram estagnados na casa dos 12,9% do total.

Notícias positivas à parte, a dívida pública continuou crescendo. Em novembro, o estoque total atingiu R\$ 728,3 bilhões, um aumento de R\$ 10,4 bilhões em relação a outubro.

Segundo Valle, hoje o Tesouro fará o primeiro leilão de títulos prefixados que vencem em janeiro de 2008, com pagamentos de juros semestrais. Os papéis pagam juros no vencimento.

Venda do BEM sai em fevereiro

Já está marcada a primeira privatização do governo Lula. Será do Banco do Estado do Maranhão (BEM), que será vendido no dia 10 de fevereiro de 2004 pelo preço mínimo de R\$ 77,172 milhões, representando 90% dos 99,9% das ações do banco que hoje são da União. Além do bloco de controle, serão oferecidos aos empregados do banco 10% das ações.

Quatro bancos foram pré-qualificados para participar do leilão: Bradesco, Itaú, Unibanco e GE Capital. No mínimo 10% do pagamento deve ser em dinheiro e até 90% em títulos públicos. Assim como ocorreu na privatização de outros bancos, os interessados apresentam suas ofertas e elas vão à leilão se houver uma diferença de 20% entre duas ou mais. É a terceira vez que o governo tenta vender o BEM.

“Não tenho a menor dúvida de que o banco será vendido”, disse Gustavo do Vale, diretor de desestatização do Banco Central. O edital com os detalhes da venda foi aprovado ontem pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

O CMN aprovou a criação do banco Carrefour, do grupo francês, que vai se dedicar às carteiras de investimento e de crédito, financiamento e investimento. O tema ainda deve ser submetido ao presidente Lula. (DC)